

MARINHA

Director : VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 54 — Preço 3\$50 — 21/7/77

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Apresentado projecto para construções na Marinha

Reuniu, no passado sábado, a Assembleia Municipal, em sessão extraordinária. Os trabalhos foram iniciados pelo presidente da A. M., Avelino Zenha, que justificou a convocação pela importância dos problemas a tratar e aproveitou para prestar algumas informações, e salientar a necessidade de que a imprensa local procure ser o mais fidedigna possível quanto a estas sessões.

Entrou-se de imediato num dos pontos mais importantes da ordem dos trabalhos e referente às habitações a construir na «Quinta da Marinha», também conhecida por «Quinta do dr. Constante Pereira», situada naquele bairro entre a Fábrica Brandão Gomes e o ribeiro de Silvalde.

O presidente da Câmara, Artur

Bártolo, apresentou o projecto de implantação (reproduzido ao lado) e historiou todas as fases por que passou o processo.

Assim, e quando a Câmara diligenciava junto dos organismos centrais, pela compra ou expropriação daquela Quinta com vista à construção, recebeu em 24-11-76, com alguma surpresa, um officio da Solverde em que aquela empresa informava ter adquirido o referido terreno, para ali construir as casas sociais, a que estava obrigada pelo seu contrato.

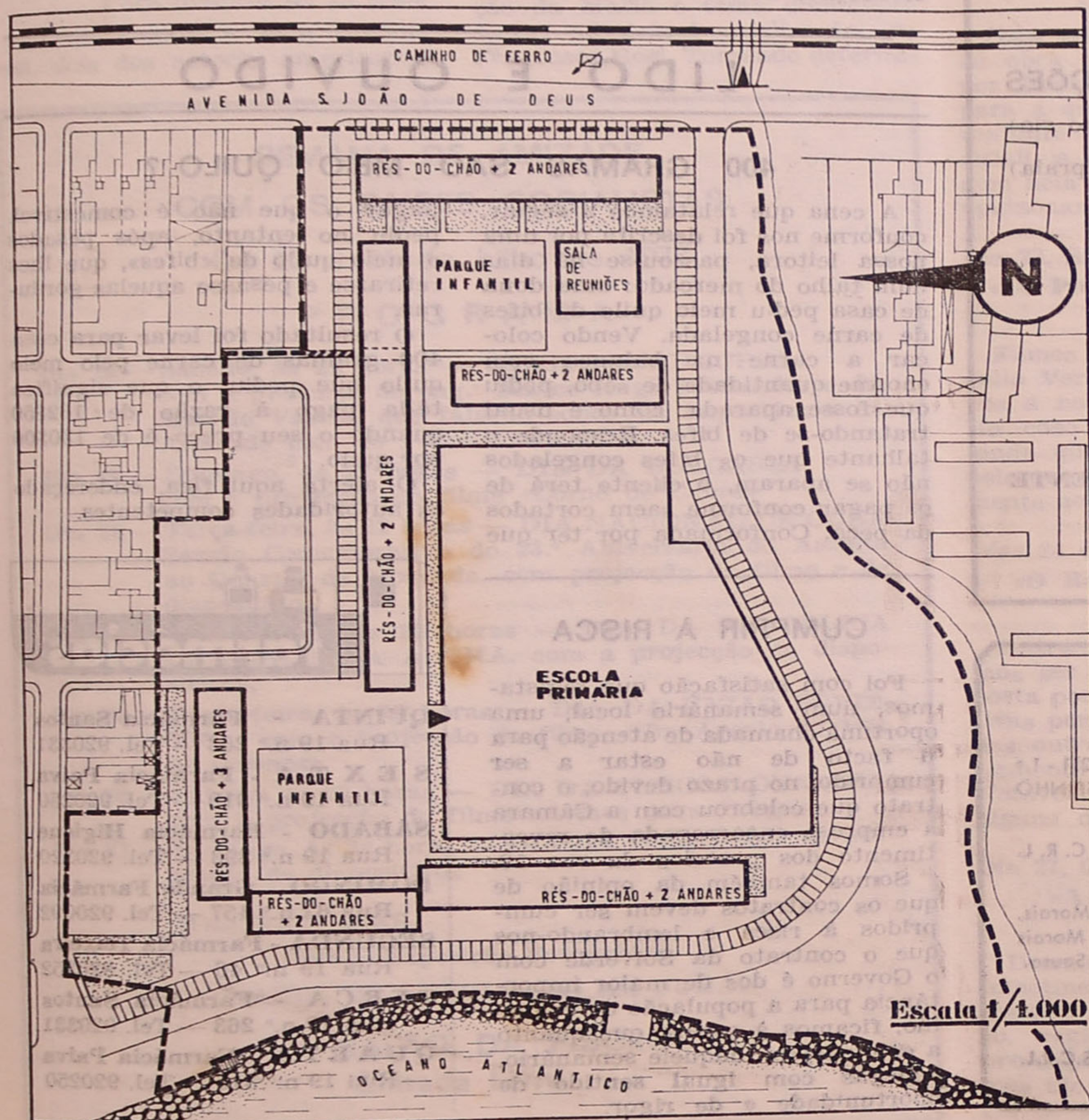
Posteriormente, o Conselho de Inspeção de Jogos, entidade fiscalizadora daquele contrato, inquiriu à Câmara se esta já tinha conhecimento de algum projecto de construção na Quinta da Marinha, o que de facto ainda não

tinha acontecido.

Só mais tarde, em 3 de Março último, a Câmara recebeu um novo officio da Solverde, em que se dava conta da intenção de aproveitar parte dos 39 000 m² do terreno para se construírem 4 blocos de 108 habitações, sendo 30 de contrato, com possível inclusão de um parque infantil. O restante terreno, cerca de 27.000 m², seria cedido à Câmara se esta se prontificasse a responsabilizar-se por todas as infra-estruturas necessárias para aquelas 108 habitações (arruamentos, saneamento, água, electricidade, etc).

Recorrendo aos seus Serviços Técnicos, constatou a Câmara que seria mais razoável comprar os referidos 27 000 m² (2088 contos) do que aceitar a proposta da Sol-

continua na página 6



Corticeiros

em

Greve

Página 4



ENTREVISTA

em

ANNECY

Página 5

DE SEMANA A SEMANA

A Guerra Santa

Um programa de televisão que, à partida, estaria condenado a passar perfeitamente despercebido à massa dos espectadores, tornou-se, repentinamente, um dos temas centrais de discussão na passada semana. De facto, esse programa e a situação criada em redor dele acabaram por ter um tão amplo tratamento nos meios de Informação e um tal impacto na opinião pública que quase relegaram para segundo plano acontecimentos importantes da vida nacional como é, por exemplo, o caso das leis em discussão na Assembleia da República. Parece-nos que a importância do que se discute na Assembleia da República justifica muito mais o amplo debate público, uma vez que os cidadãos e o futuro deste país serão de certeza mais afectados por leis como a do «Plano a Médio Prazo» ou a das «Bases Gerais» do que por «extractos de uma peça de teatro, na qual se fazem graves ofensas às Forças Armadas» (segundo nota oficiosa do E. M.G.F.A.).

Mas, já que o assunto adquiriu uma tal relevância, há que tomar posição, até porque o que está em jogo se prende, por exemplo, com a possibilidade de informar e criticar livremente, coisa que não pode ser indiferente a um jornal. Efectivamente, se a representação de uma peça escrita num contexto político e social diferente, conforme todos são forçados a reconhecer, desencadeia tal «tempestade», é de nos perguntarmos o que estará por trás disso.

Quando, três anos depois de o MFA ter posto fim ao contexto político e social que justificou a peça, as Forças Armadas, responsáveis imediatas por ter terminado o contexto político e social de então, se deixam assim atingir por um ataque dirigido a umas forças armadas que foram sustentáculo do fascismo, é caso para pensar o que isso quererá significar.

Quando uma nota oficiosa provoca uma reacção em cadeia tão certinha e imediata, da televisão ao Governo, passando por meios de informação que, no que se refere às Forças Armadas, se têm distinguido pelos seus constantes e impunes ataques e calúnias, é de admirar a repentina boa

continua na página 6

A ASSEMBLEIA DE FREGUESIA NÃO MEXE

É do conhecimento geral que em Dezembro último se realizaram eleições para as autarquias locais e ninguém ignora que um dos órgãos de poder local a eleger era a Assembleia de Freguesia. Mas quantos dos nossos leitores têm notado que em Espinho esse órgão não funciona?

Como noticiámos na devida altura, logo na primeira reunião da recém-eleita Assembleia se caiu num impasse, como é moda dizer. Efectivamente, quando a lista apresentada pelo PPD-PSD e pelo CDS viu os dois elementos do PS que nela estavam incluídos, sem disso estarem informados, recusarem a participação numa lista a que não tinham dado o seu prévio acordo, o entendimento não foi possível e, uma vez que nenhuma força política dispõe da maioria, ninguém conseguiu fazer aprovar qualquer decisão.

Após uma segunda reunião da Assembleia de Freguesia a questão continuou sem ser resolvida, pelo que foi decidido pôr o caso à consideração do Juiz da Comarca, para uma possível decisão baseada na lei. Mas essa decisão não veio. Falou-se, até, em levar o diferendo ao Governador Civil do Distrito, mas o certo é que tudo permanece ainda na mesma, ou seja a Assembleia de Freguesia de Espinho não funciona.

Entretanto, supomos saber que existe por parte de membros da Assembleia o desejo de ver esta situação rapidamente ultrapassada, para o que talvez não fosse difícil chegar-se a um acordo. Talvez a convocação, pelo respectivo presidente, de uma nova reunião da Assembleia pudesse contribuir para pôr este órgão em funcionamento, tanto mais que a lei das autarquias foi já discutida na Assembleia da República e haverá agora condições para um trabalho mais efectivo.

VALORES FURTADOS

«Nem em casa se está bem».

Deve ter pensado o sr. José Augusto Santos, depois de acordar de manhã e ter aberto a porta do seu quarto para encarar mais um novo dia, ao ver que tinha sido assaltado.

Foi a vez de se vestir e ir até junto da PSP local queixar-se por desconhecidos lhe haverem furtado durante a noite de 9 para 10 da sua residência na rua 19 n.º 925 - r/c, uma soma avultada em dinheiro e outros valores.

Ficou para a polícia a tarefa de descobrir «as visitas de más horas».



NOTÍCIAS

SEMANA DE AMIZADE COM OS PAISES SOCIALISTAS

No salão da Piscina, e por iniciativa do Núcleo de Espinho da Associação de Amizade Portugal-Cuba, decorrerá de 23 a 31 de Julho a «Semana de Amizade com os Países Socialistas», que tem por objectivo uma melhor divulgação da vida na União Soviética, Checoslováquia, Bulgária, R. D. A. Cuba e Polónia.

Para além duma exposição fotográfica permanente sob o te-

ma «17 Anos de Revolução Cubana», haverá sessões especialmente dedicadas a cada um dos países representados, com projecção de filmes ou diapositivos, colóquios bancas de publicações, etc.

Desta realização destaca-se a sessão inaugural, no próximo sábado, que contará com a presença do eng. Blasco Hugo Fernandes.

UM PIANISTA

A Academia de Música de Espinho, que desde há cerca de vinte anos tem sido um bastião da música e da cultura no concelho, viu mais uma vez compensados os seus esforços com a conclusão, no passado dia 8, do Curso Superior de Piano por um jovem que ali iniciou e desenvolveu a sua aprendizagem neste domínio.

Neto do prof. Fausto Neves, que em Espinho desenvolveu uma actividade notável no campo musical e nos legou uma obra valiosíssima, o nosso camarada de Redacção, Fausto Manuel Neves,

obteve a elevada classificação de dezoito valores.

A conclusão da sua formatura é por isso particularmente grata a todos quantos trabalham no «Maré Viva», tanto mais que se trata já dum «velho» companheiro nas nossas «lides» jornalísticas. É também um dos responsáveis pelo Coro da ex-Secção Cultural da AAE e tem ainda tempo para estudar História na Faculdade de Letras. O que serve para mostrar que, trabalhando-se aqui, é possível fazer-se outras coisas importantes ao mesmo tempo.

LIDO E OUVIDO

400 GRAMAS SÃO MEIO QUILO ?

A cena que relatamos a seguir, conforme nos foi descrita por uma nossa leitora, passou-se há dias num talho do mercado: uma dona de casa pediu meio quilo de bifes de carne congelada. Vendo colocar a carne na balança com enorme quantidade de sebo, pediu que fosse aparada, como é usual tratando-se de bifes. Responde o talhante que os bifes congelados não se aparam, o cliente terá de os pagar conforme saem cortados da peça. Conformada por ter que

pagar o que não é comestível, pediu no entanto, após pesados o meio quilo de «bifes», que lhes retirasse e pesasse aquelas gorduras.

O resultado foi levar para casa 400 gramas de carne pelo meio quilo que pediu, o que significa tê-la pago à razão de 162\$50 quando o seu preço é de 130\$00 por quilo.

O alerta aqui fica, endereçado às autoridades competentes.

CUMPRIR À RISCA

Foi com satisfação que registamos, num semanário local, uma oportuna chamada de atenção para o facto de não estar a ser cumprido, no prazo devido, o contrato que celebrou com a Câmara a empresa encarregada do revestimento dos passeios da rua 19.

Somos também da opinião de que os contratos devem ser cumpridos à risca e lembrando-nos que o contrato da Solverde com o Governo é dos de maior importância para a população do concelho, ficamos à espera que quanto a este surjam, daquele semanário, achegas com igual sentido de oportunidade e de rigor.

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE JULHO DAS ACTIVIDADES INFANTIS

MANHÃS DESPORTIVAS

Dias 23 e 30 — às 10 horas

(Por de trás do Cabana, junto à praia)

FANTOCHES, CONSTRUÇÕES NA AREIA E CANÇÕES

Dia 20 — às 15,30 horas — na Mata (junto à praia e ao rio)

Dia 27 — às 15,30 horas — no Rio Largo (junto à praia)

FILME INFANTIL

Dia 23 — às 15,30 horas — na Piscina

GINCANA

Dia 30 — às 15,30 horas — no Parque João de Deus

Organização :

Secção de Actividades Infantis da Coop. NASCENTE

Patrocínio :

Comissão de Festas de Espinho e FAOJ

maré viva

SEMANARIO

Propriedade :

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :

Ana Maria, António Letra, António Santos, Augusto Mota, Eugénio Morais, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, José Armindo, Manuel Loureiro, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial :

Alberto Barbosa e Eduardo Oliveira

Composição e impressão :

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director :
VICTOR SOUSA

Redacção :
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO



farmácias

- QUINTA - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331
- SEXTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250
- SÁBADO - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320
- DOMINGO - Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092
- SEGUNDA - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352
- TERÇA - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331
- QUARTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250



S. PEDRO

Dia 21, Quinta - feira

«O As de Espadas»

Para maiores de 13 anos

Tido como o primeiro filme de longa metragem realizado por Milos Forman e curiosamente o seu filme mais recente entre nós, denota ainda inexperiência e imaturidade daquele realizador que nos apresenta a sua visão do quotidiano vivido na Checoslováquia, mas de uma forma demastadamente superficial. Interessante apenas.

Dia 22, Sexta-feira

«A Professora de

Ciências Naturais»

Para maiores de 18 anos

Comédia brejeira tipicamente italiana é «prato» obrigatório nesta nossa «ementa» semanal. É sinal de que a clientela continua a gostar. Até quando?

Dia 23, Sábado

«As Jovens Sedutores»

Para maiores de 18 anos

Mais uma fita que não passa de uma pretensiosa exibição de pornografia, que, falando verdade, nem chega a merecer tal designação. Arrede-se.

Dia 24, Domingo

«Duelo no Missouri»

Para maiores de 18 anos

Marlon Brando e Jack Nicholson, dois dos actores americanos

PADRE COELHO AGREDIDO

Já não é novidade para ninguém que os padres de Oleiros, Lourosa e Moselos têm sido violentamente atacados e das mais diversas formas pelos sectores mais reaccionários daquelas freguesias. Esta questão já tem sido tratada no «Maré Viva» e os leitores já se terão apercebido não há um diferendo religioso. O problema é bem diferente: os caciques locais, bem acompanhados pelos (corre)legionários, não vêem com bons olhos o facto destes padres terem desde sempre lutado pelos interesses dos operários e doutros

mais importantes do momento, juntos no meritório trabalho de Arthur Penn que se serve dum «western» para tratar uma temática interessante e actual. Muito aconselhável

Dia 26, Terça - feira

«Júlia e os Homens»

Para maiores de 18 anos

Ou melhor: «Emanuele contra Casta Suzana». Isso é que vai ser fartar, vilanagem!

CASINO

Dia 21, Quinta - feira

Lucky Luciano»

Para maiores de 18 anos

A denúncia arrojada e consequente da quase implacável acção da Mafía é tema dominante desta admirável realização de Francesco Rosi. Tomando determi-

OLEIROS

sectores mais explorados da população, vendo assim perigar a sua influência sobre as populações, que é cada vez mais reduzida.

As tentativas de intimidar estes homens têm sido frequentes mas mal sucedidas. Desta feita sucedeu em Oleiros. Era só preciso um pretexto e ele surgiu.

O padre Coelho de Oleiros tinha já manifestado o seu desacordo com o facto da Comissão de Festas ficar com as esmolas, e o produto da venda das velas para utilização nas festas civis, em detrimento das actividades religiosas. Sendo-lhe negada a chave da «casa da cera» onde são guardadas as velas, resolveu mandar substituir a fechadura. E aí estava o pretexto, aí estava o padre Coelho a retirar dos «donos» da freguesia uma parcela do seu poder.

Assim no passado dia 14, às 16 horas, quando os operários se encontravam nas fábricas, os sinos foram tocados a rebate e foi também usado o telefone para se con-

continua na página 6

nada personagem como motivo, arrasta-nos ao conhecimento dos mais remotos pormenores do funcionamento daquela criminoso organização mundial. Importante.

Dia 22, Sexta-feira

«Blow - Up — História de um Fotógrafo»

Para maiores de 18 anos

Esta película é uma repositão da obra mais famosa realizada por Michel Angelo Antonioni e para a qual apelamos uma visão bastante atenta. Inicialmente difícil, a compreensão da linguagem nela contida torna-se mesmo apaixonante. A ver.

Dia 23, Sábado

«Os Piratas do Arquipélago»

Para maiores de 10 anos

Filmes baseados em obras de Julio Verne, à partida, têm sempre a nossa particular simpatia. No caso presente, não é desta ainda que nos fazem a desfeita, pelo que o aconselhamos especialmente ao público juvenil. Salutar.

Dias 24 e 25, Domingo e 2.ª feira

«O Rolls - Royce Amarelo»

Para maiores de 18 anos

Outra reposição que assinalamos ser digna de atenção. Composta por três histórias, e respectivas personagens, distintas umas das outras, mas ligadas por um elemento comum: um automóvel. Notáveis as interpretações de alguns dos intérpretes.

Dia 27, Quarta - feira

«A Casa das Pombas»

Para maiores de 18 anos

Drama apresentado em estilo folhetinesco é o que se reserva a quem o for ver. Para além disso, registamos com tristeza a presença de Lucía Bosé em filmes tão inferiores à sua categoria de actriz.



JÁ HÁ POLUIÇÃO, NÃO HA SANEAMENTO

A não existência de saneamento básico na Granja é uma realidade que não passa despercebida, antes está bem patente aos olhos de todos os que por ali passam diariamente.

É o caso da Rua 25 de Abril, mais conhecida por «Rua das Árvores» onde, já perto da Estação, existe um prédio de dois andares, ainda novo, com uma mercearia no rés-do-chão, donde são lançados os dejectos por uma mangueira que vem dar à berma da estrada e que acabam por desembocar junto à Estação. Com isto aparece o cheiro que se imagina e, pior, põe-se em perigo a saúde de muitos miúdos que por ali brincam e de outros que por ali passam.

Situação idêntica passa-se na praia, perto da «Meia-Laranja» local muito frequentado no Verão, e onde desemboca um colector dos esgotos sem qualquer protecção.

Mais grave ainda será o que se passa entre a Granja e a Aguda, num local onde desagua um riacho que leva para o mar os «tintos» e outros produtos químicos da Têxtil Delfim Ferreira, de Arcozelo. É vulgar verem-se junto àquela foz um número considerável de peixes mortos, situação tanto mais de lamentar quando se conhece do esforço que se faz, a vários níveis, contra a poluição e pela preservação das espécies.

Estes exemplos não são os únicos infelizmente e para o provar bastaria verem-se as situações de falta de salubridade e atentatórias da saúde pública que se multiplicam pelas zonas populacionais mais marginalizadas desta povoação.

Sobre este e outros assuntos esperamos ter em breve um contacto com a Junta de Freguesia de S. Félix da Marinha, para sabermos do modo como aquela Junta vê a sua resolução.

SEMANA DE AMIZADE COM OS PAISES SOCIALISTAS

De 23 a 31 de Julho de 1977

PROGRAMA

Dia 23 — Sábado, às 22 horas — SESSÃO INAUGURAL com a presença do eng.º Blasco Hugo Fernandes e dr. Macedo Varela, que falarão sobre «A importância da Amizade com os Países Socialistas»

Dia 24 — Domingo, às 22 horas — DIA DA BULGARIA com a projecção do filme «Corno de Cabra»

Dia 26 — Terça-feira, às 22 horas — DIA NACIONAL DE CUBA Sessão Comemorativa do 23.º Aniversário do Assalto ao Quartel de Moncada, com projecção de filme e de diapositivos

Dia 28 — Quinta-feira, às 22 horas — DIA DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ, com a projecção de diapositivos.

Dia 29 — Sexta-feira, às 22 horas — DIA DA UNIÃO SOVIÉTICA, com a projecção do filme «Um Aperto de Mão no Cosmos»

Dia 30 — Sábado, às 22 horas — DIA DA CHECOSLOVAQUIA, com a projecção do filme «Armas para Praga»

Dia 31 — Domingo, às 22 horas — DIA DA POLÓNIA, com projecção de diapositivos

TODOS OS DIAS

Grande Exposição Fotográfica

«17 ANOS DE REVOLUÇÃO EM CUBA»

No SALÃO DA PISCINA

Entrada Livre

QUE DIZ A ISTO?

Soppisos Amarelos

É dos jornais: um grupo de nomes conhecidos visitará este ano a República Popular da China — Jose M. Casqueiro, Amaro da Costa, Barbosa de Melo e Sottomayor Cardia. «Maré Viva» sugere campos de interesse que as referidas personalidades irão estudar:

Casqueiro — formas de apoio à reforma agrária e ligas de defesa dos interesses dos camponeses.

Amaro da Costa — construção da sociedade sem classes (segundo alguns redutível à fórmula «fazer de cada cidadão um proprietário»).

Barbosa de Melo — a «convergência» das forças anticapitalistas.

Sottomayor Cardia — abertura da escola à comunidade e ligação trabalho manual — trabalho intelectual (ensino politécnico).

Artigo 46.º

O MIRN, guarda-chuva de Kaulza de Arriaga e seus capangas, teve honras de grande vedeta na televisão. Grande foi o nosso espanto, embora os tempos nos tenham levado a «aceitar» coisas que não há muito tempo nos pareceriam impossíveis.

Desta vez, porém, e ao contrário doutros casos que têm ocorrido, a reacção de sectores oficiais a tal provocação não tardou. Assim, Mário Soares, por exemplo, não teve dúvidas em caracterizar o movimento que K. A. dirige como retintamente fascista. E se há na Constituição algum artigo que tenha uma interpretação única (já que, pelos vistos, a Constituição, no seu todo, «permite várias leituras») é precisamente o artigo 46.º, que diz no seu ponto 4, em relação à liberdade de associação:

«Não são consentidas associações armadas nem de ou paramilitares fora do Estado ou das Forças Armadas, nem organizações que perfilhem a ideologia fascista».

A Greve dos Corticeiros

Encontra-se paralisado, desde há vários dias, um largo sector da Indústria corticeira desta região, numa acção que envolve cerca de três mil trabalhadores.

Em contacto com dirigentes do Sindicato dos Operários Corticeiros, soubemos das origens desta paralisação e das vias que agora se oferecem para a normalização da situação.

Tudo começou com um incidente que poderia ter sido sanado rapidamente. Um operário da firma Manufacturas Lusitânia de Lourosa, de Manuel Lima, foi castigado por três dias pelo filho do patrão, Moisés Lima, pelo simples facto de se encontrar a comer uma maçã durante o período de laboração, no passado dia 4 do corrente. A intervenção da Comissão Sindical e mais tarde de representantes do Sindicato foi infrutífera para demover a entidade patronal da sua prepotência. A repetidas tentativas de diálogo, os patrões responderam com provocações e chegaram mesmo a anunciar que o castigo do operário em causa passaria a suspensão, com processo disciplinar, o que conduz nestes tempos a despedimento quase certo.

Entretanto no dia seguinte, a maioria dos trabalhadores da empresa solidarizou-se com o seu companheiro, recusando-se a trabalhar enquanto o caso não fosse resolvido.

A intervenção dum representante do Ministério do Trabalho, solicitado pelo Sindicato, não chegou para convencer os patrões ao diálogo. Primeiro o patrão recusava-se a qualquer contacto com os trabalhadores, passando posteriormente a exigir que nas conversações não intervissem elementos do Sindicato, mas apenas a Comissão Sindical. Esta Comissão recusou-se a ceder a esta exigência, considerando-a como uma tentativa para desacreditar o órgão representativo dos trabalhadores aos olhos dos próprios trabalhadores.

Entretanto, por intervenção da Inspeção de Trabalho em Aveiro, o patrão disse concordar na presença do Sindicato nas conversações se também estivesse presente um representante da Associação dos Industriais Corticeiros. Os trabalhadores concordaram e foi, desde logo, marcada uma reunião em S. João da Madeira, a que estariam presentes todas as partes interessadas, bem como o delegado do M.T.. O patrão acabou por voltar com a palavra atrás, faltando à primeira reunião e a uma série de outras marcadas para o mesmo local. Nem mesmo a intervenção da G. N. R. conseguiu que o sr. Manuel se dignasse comparecer.

A situação arrastava-se, até que no passado dia 13 foi decidido, no Sindicato, alargar a paralisa-

ção a outros pontos do sector corticeiro, como meio de pressão, que leve a Associação dos Industriais a obrigar o patrão Manuel Lima a sentar-se à mesa das conversações.

Esta paralisação, de que é responsável apenas a intransigência do patrão da Lusitânia, demonstra que os trabalhadores estão unidos e que não cederão a estas e outras tentativas de despedimento, que a ir para a frente seria o princípio de muitos outros.

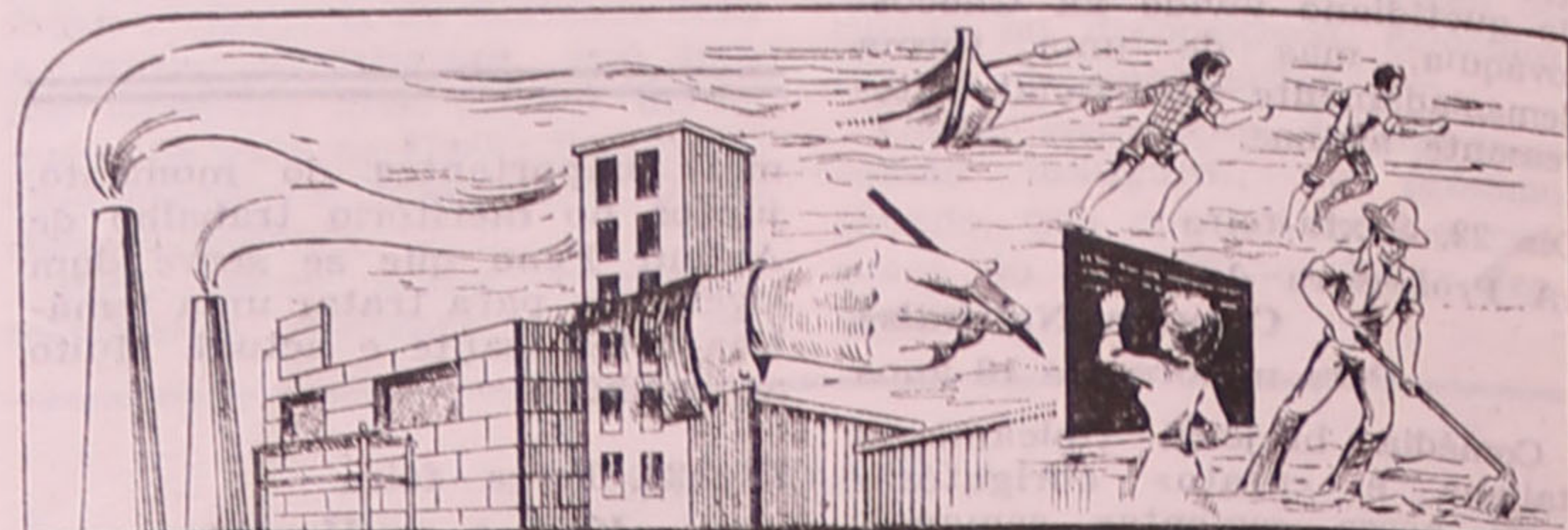
Serve também para mostrar que a unidade dos trabalhadores não será palavra vã, quando ela for necessária para a obtenção do

novo Contrato Colectivo de Trabalho. O contrato anterior expirou em Setembro de 1976 e as negociações não conduziram a acordo ainda no clausulado mais importante, referente às tabelas salariais e aos retroactivos.

É possível portanto que esta paralisação venha, a curto prazo, a servir como experiência para os trabalhadores corticeiros na luta pelo seu C.C.T.

Última hora: — a paralisação foi suspensa ontem, para permitir que finalmente fossem iniciadas as negociações do patronato com o Sindicato.

Retomaremos este assunto no próximo número, pois destas negociações poderá ou não resultar a normalização no sector corticeiro.



TRABALHO

SICOR

— Já 17 foram despedidos

Uma conferência de Imprensa convocada pelo Sindicato dos Tapeteiros e Cordoeiros do Centro do País pela União dos Sindicatos de Aveiro e pela Comissão de Luta dos trabalhadores despedidos da SICOR veio, no passado dia 13, fazer o ponto da situação, lembrar que a luta ainda não acabou, fornecer os últimos dados do problema.

Como todos os leitores devem estar lembrados, «Maré Viva» já se referiu demoradamente ao assunto em números anteriores (por exemplo «M.V.» de 1.6.77). As razões da luta, os seus inícios e seu desenvolvimento, já toda a gente deve conhecer. Deve conhecer, repetimos. Trata-se de um caso aqui ao pé da porta, um caso semelhante a tantos outros que neste momento acontecem por Portugal fora, a um ritmo assustador e surpreendente (ou talvez não...), um caso que envolve despedimentos e desemprego para vários trabalhadores, um caso que envolve processos disciplinares por motivos indecifráveis, um caso que põe em risco de sobrevivência Comissões de Trabalhadores, Delegados Sindicais e até Dirigentes do Sindicato a nível distrital. Toda a gente tem a obrigação de conhecer as coisas graves que se vão passando, mais e mais, neste «país sucessivamente adiado» (parece que foi Ramalho Eanes, o nosso Presidente, quem disse isto, já lá vai um tempo).

Neste momento é esta a situação na SICOR:

Há 17 trabalhadores despedidos (inicialmente foram 16, depois foi mais um), dos quais 4 pertencem à Comissão de Trabalho-

res e um ao Secretariado da União dos Sindicatos de Aveiro.

Há processos disciplinares a mais 4 trabalhadores, sendo 1 dirigente sindical e 1 delegado sindical.

Depois das tentativas de diálogo iniciais a que a Administração não compareceu, depois de levantados processos, depois de consumados os despedimentos, uma Comissão de Luta tem trabalhado em ordem a tentar que justiça seja feita neste caso. Essa Comissão considera os despedimentos arbitrários e com intenções políticas. Queixa-se do clima de medo em que vivem os restantes trabalhadores da empresa, não vá acontecer-lhes o mesmo que aos outros. Queixa-se de a Comissão de Trabalhadores não ser reconhecida como tal. Queixa-se das divisões que pretendem fomentar entre todos eles, quando em Fevereiro apenas 16 trabalhadores dos cerca de 470 da empresa votaram contra a greve.

Dos despedimentos foi interposto recurso, e aguarda-se resultado.

A situação foi comunicada ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução, ao Ministro do Trabalho, à Assembleia da República. É vontade dos trabalhadores despedidos que o seu caso seja discutido na Assembleia da República. Aguardam resposta a esta petição.

A Comissão de Luta mostrou a sua decisão em não desistir até que sejam conseguidos os fins por que se bate. Pretende a reintegração de todos os despedidos na empresa, uma empresa em que, segundo nos disseram, quem manda faz questão de sentenciar que o 25 de Abril, lá, já acabou...

Almeida Santos

ADVOGADO

Escritórios:
Av. 24 n.º 741, Sala C — Tel. 923129
ESPINHO (Junto ao Café Parque)
VILA DA FEIRA
(Junto às Escadas do Convento)

Manuel Lima Bastos

ADVOGADO

Escritórios:
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA
Residência:
Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904
ESPINHO

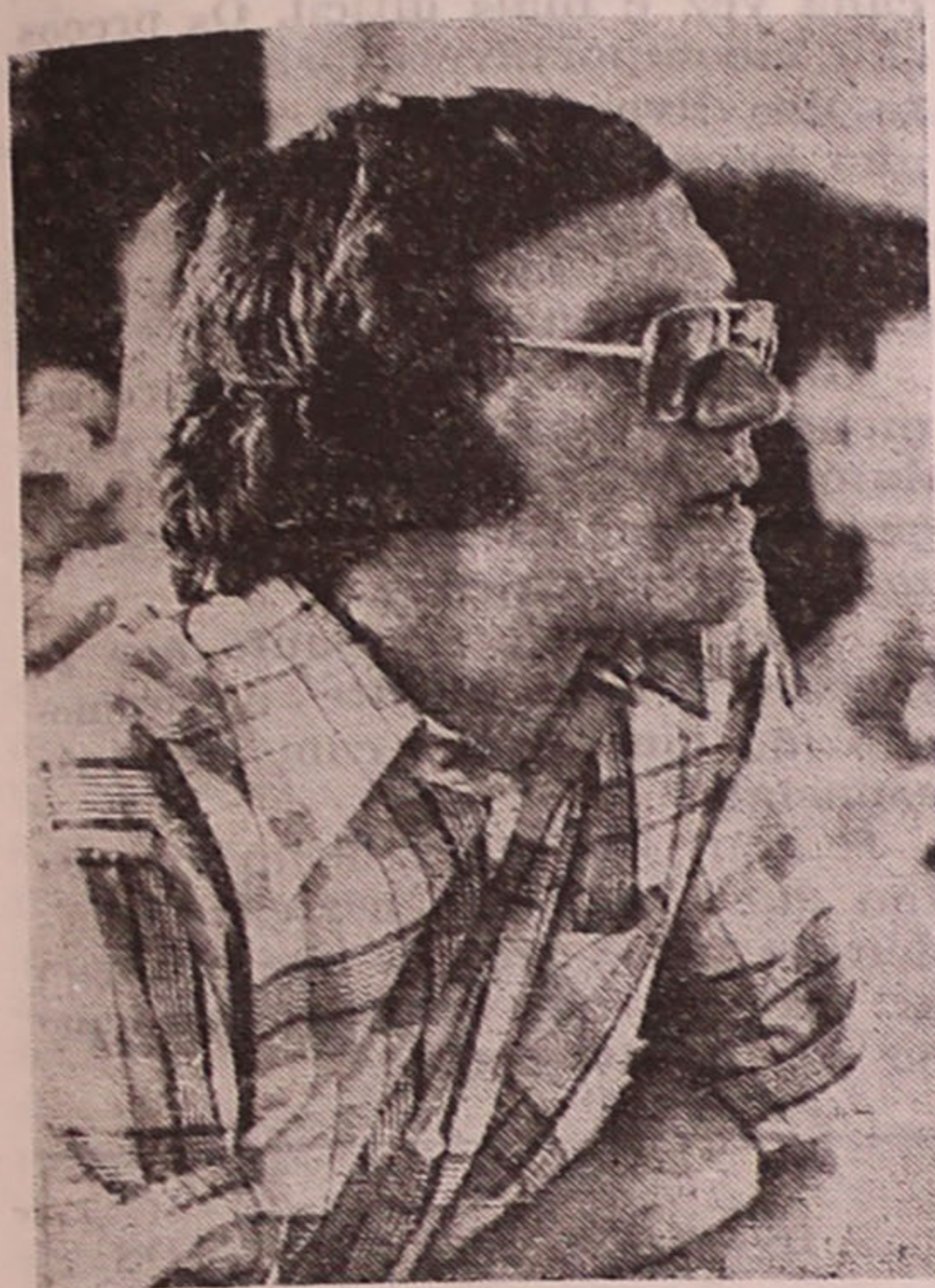
O Movimento Cineclubista Mundial

NASCENTE e a FICC — Entrevista

Aproveitando a presença em Annecy do actual secretário geral da Federação Internacional de Cineclubes e da responsável desta federação para os países de expressão latina, resolveram os elementos da Nascente presentes nas 11.ª Jornadas Internacionais do Cinema de Animação, Alvaro Cordeiro e Eduardo Oliveira, pô-lhes algumas questões que farão luz sobre uma experiência que se tem revelado fonte de grandes realizações — o movimento cineclubista.

Nascente — Poderiam dar-nos algumas indicações sobre as vossas actuais funções dentro da FICC e enquadrá-las no trabalho que desenvolvem?

Françoise Calvez — Pois eu sou a secretária regional da Federação para os países de expressão latina. Além dessa função, tenho responsabilidades na Federação Francesa de Cineclubes. Sou Ani-



JEAN PIERRE BROSSARD
SECRETARIO GERAL DA FICC

madora Cultural em Valence, no Centro Cultural JEAN MICHEL que promove outras actividades culturais para além do cinema, como seja o teatro e a música. Dispomos na nossa cidade de uma Cinemateca, que nos permite organizar com regularidade sessões sujeitas a temas específicos. O último, por exemplo, foi «O Cinema e a História».

Jean Pierre Brossard — Actualmente secretário geral da Federação Internacional de Cineclubes, a minha actividade profissional é o jornalismo. As especialidades dentro das quais desenvolvo o meu «métier» são o Cinema e o Teatro. Colaboro com os serviços culturais de diversos países, como a França, a Alemanha e a Polónia além, está claro, da Suíça, o meu país. Na função de elemento da FICC organizo e programo ciclos de cinema e facilito o intercâmbio cinematográfico entre os países ligados a esta organização internacional.

Nascente — Falaram da FICC, e na FFCC. Gostariamos que dissessem o que representa cada uma destas federações.

F. Calvez — Foi em França

onde, pela primeira vez, surgiu a expressão **cineclube**. Em Janeiro de 1920, Luis Delluc lança uma revista com esse nome. Em 1926, Léon Moussinac e Jean Lods organizam a projecção do «Courageo Potemkine», então interdito pela censura, que viria a tornar-se um dos grandes clássicos do cinema mundial. O desenvolvimento dos cineclubes fez surgir em 1945, a 26 de Março, a FFCC, estando ligados à sua formação nomes como André Bazin, Pierre Kast e Georges Sadoul, este como primeiro secretário geral. Na época de sessenta, a FFCC estrutura-se em 6 regiões cinematográficas autónomas, que viriam a ser conhecidas oficialmente em 1969. Esta ideia da regionalização, que não contrariava em nada a possibilidade de existir uma representação nacional coerente, visava favorecer a actividade cineclubista de base.

J. P. Brossard — Depois de França, outros países se interessaram por esta forma organizativa. Presentemente são 43 os elementos que integram a FICC, 21 dos quais só na Europa. Cada uma destas 43 federações define a sua forma organizacional, o que assegura a possibilidade de se desenvolverem conforme as condições existentes nos respectivos países. Além destas 43 federações inscritas, temos conhecimento de 47 novas organizações de tantos outros países, o que revela um desenvolvimento acentuado do movimento cineclubista.

Nascente — Qual o espaço que o movimento cineclubista ocupa dentro do esquema da produção e exibição cinematográficas?

J. P. Brossard — O movimento cineclubista situa-se na vanguarda dum trabalho que tem como objectivo lutar contra um cinema de consumo destinado unicamente a divertir as massas e a afastá-las das preocupações do mundo contemporâneo. Apesar das censuras e de proibições de toda a ordem, tornou-se possível mostrar filmes que contribuem para a crítica, para novas ideias capazes de favorecerem à sua maneira o combate por uma sociedade nova. Enfim, fazer de uma pequena roda de conhecedores um grande círculo. Para o conseguir, os cineclubes impuseram um cinema que choca com o cinema comercial corrente.

Nascente — Qual é, concretamente, a finalidade da FICC?

J. P. Brossard — A FICC foi criada com o fim de contribuir para uma melhor colaboração entre as diferentes federações filiadas, favorecendo a troca de ideias, de documentação, de filmes, contribuindo igualmente para a formação de animadores que se tornam responsáveis nos seus países pela divulgação da cultura cinematográfica. A função fundamental da actividade cineclubista é «ensinar» a ver um filme e a situá-lo no seu tempo, provocar a participação activa do espectador. O que se torna um caminho, um primeiro passo para a participação activa na sociedade onde nos situamos.

Nascente — Somos levados

GAZETILHA

MAIS UM ANO

Pois é. Foi no dia nove
Que se deu esta passagem
Certidão que a data prove,
Anda na minha bagagem.

E nela se documenta
Desde quando a vida estulta
Meu vivo sangue alimenta...
É...«consulta que resulta».

Já na sétima dezena
Decorria a minha idade,
Quando vi, com muita pena,
Surgir a crua verdade:

— Ia hoje entrar em cena
A dezena imediata!
Ao meu lar, festivamente,
Chega-me a presença grata
Dos meus — e de amiga gente.
Sou abraçado por todos.
E ante o carinho que ostenta
A boa amizade a rodos,
Digo comovidamente:
— Ante euforia tão lata,
Nem custa entrar nos oitenta!

Venha, entretanto, outra etapa;
De a vencer, não se prescinda;
Mas augurar que se escapa...
É mais difícil ainda!

ALBERTO BARBOSA (Beka)

MARÉ-RUA

O importante é ler!

A Nascente não pára de crescer. E a esse crescimento tem de corresponder com um alargamento das suas actividades. Entre várias coisas que se vão fazer e de que falaremos mais tarde com pormenor, uma fica já aqui desvendada: a criação de um centro livreiro que começará a funcionar brevemente. Haverá descontos para os sócios, mas toda a gente poderá lá comprar ou encomendar o seu livro.

Porque é importante ler e porque se sabe o preço a que estão os livros, achou-se que esta iniciativa se justificava.

O «Maré-Rua» quis saber do que pensariam da ideia as pessoas e os sócios, em particular.

Começamos por ouvir Maria Patrocínio Miguel, dona de casa, que disse estar em Espinho a passar férias e confessou não conhe-

cer ainda a Nascente acrescentando:

«Os meus filhos não me dão muito tempo para ler. É o meu marido quem compra os livros lá para casa, mas sei que estão muito caros. Qualquer livro melhorzinho custa agora à volta de duzentos escudos».

«Sim, acho boa ideia fazer-se aqui e em outros lados uma espécie de feira do livro».

Tínhamos a ideia de que seria importante ouvir um estudante e conseguimos-o. A «vítima» foi José Manuel G. da Silva:

«Acho que será uma iniciativa válida criar aqui uma coisa do tipo da Unicepe do Porto. O livro é hoje um artigo de luxo e as editoras, na sua maioria, só se interessam por livros sensacionalistas e reaccionários».

«Tenho que ler livros relacionados com o meu curso e mesmo nesses os preços são incríveis, se atendermos a que são materiais de utilidade pública e deviam ser subsidiados pelo Estado. Senão o ensino continua a ser para quem tem dinheiro».

O depoimento que recolhemos a seguir é a constatação de que o direito à cultura e à informação não é coisa consagrada, porque ainda há direitos, talvez mais importantes por que lutar. Disse-nos Joaquim Ferreira, pintor da construção civil, e a quem explicamos o que se pretendia:

«Não sei, talvez seja bom. Mas para mim não, porque eu não tenho cabeça nem tempo para ler, nem para ver televisão. O que era preciso é haver pão e a vida estar mais barata. E os livros não dão de comer a ninguém».

Eduardo Oliveira

continua na página 6

Assembleia Municipal

continuação da página 1

verde, que lhe custaria 2537 contos. Foi portanto neste sentido que a Câmara, em reunião, se pronunciou sobre a questão.

Face à posição da Câmara e de acordo com o estudo que esta efectuou, a Solverde apresentou nova proposta, guardando para si terreno para construir as 30 habitações a que esta obrigada e cedendo todo o restante à Câmara, o que esta veio a aceitar.

Deste acordo resultou ficar assegurado o seguinte:

— 30 habitações sociais a construir pela Solverde (assinalado na planta pelo bloco junto à Av. S. João de Deus).

— 18 habitações para venda ou renda limitada a construir pela Câmara com fundo disponível do Fundo de Fomento de Habitação (orientado como o anterior, um pouco mais abaixo).

— Terreno para a construção de uma escola com 15 salas de aula, a construir imediatamente pela Direcção das Construções Escolares do Centro (facilmente identificável pela zona limitada mais extensa).

— Terreno para a construção de uma sala de reuniões, com 400 m² (acima da escola, entre os dois blocos já referidos).

— Terreno para a construção de 2 parques infantis com cerca de 1000 m² cada (um contíguo à sala de reuniões e outro a norte da escola).

— Terreno para a construção de cerca de 110 habitações sociais.

Sobre este último ponto, a Câmara já solicitou ao F.F.H. a maior brevidade, dada a urgência no realojamento de muitas famílias ali residentes.

Todo este projecto está de acordo com o Plano de Urbanização, faltando assegurar a viabilidade das obras a efectuar mais junto à praia, dada a acção do mar.

Este projecto, após breve discussão, obteve o consenso da AM.

VARIANTE 109

VAI PASSAR EM VALA

Seguiu-se nova intervenção do presidente da Câmara que submeteu ao parecer da AM a forma como se deverão efectuar os cruzamentos da futura variante da 109 com as ruas 19 e 33: passagem da 109 em altura, com afundamento daquelas duas ruas, ou passagem em Vala com construção de dois pontões, considerada pela Câmara como mais económica.

Considerada a vantagem económica para o Município e ponderadas as questões estéticas (inconveniente da formação de um «muro» a dividir a cidade), higiénicas (acumulação de lixo nas passagens de peões) se fosse para a frente a primeira hipótese e tendo em conta a facilidade que a passagem em Vala teria para ligações futuras entre a zona nas-

cente e poente da cidade, esta segunda hipótese foi aprovada por unanimidade, ficando a Câmara de transmitir este parecer à Junta Autónoma das Estradas.

Foi ainda o presidente da Câmara quem pôs à consideração da AM a necessidade de ser imediatamente orientada a verba de 25% sobre a receita do jogo, sugerindo que fosse posta à Comissão que superintende a aplicação dessa verba (director-geral dos Serviços de Urbanização, director-geral do Turismo, presidente do Cons. I. Jogos e presidente da Câmara) o desejo de que fosse utilizada na construção de um parque de campismo no lugar de Sales-Silvalde, projecto já aprovado desde 1964.

Consideradas a necessidade de um parque de campismo compatível com a projecção turística da cidade e a conveniência de salvar aquela zona verde, a proposta foi aprovada por maioria, com duas abstenções.

Seguiu-se um período de meia hora, durante o qual intervieram elementos do público presente e em que o projecto para a Quinta da Marinha foi tema dominante. A intervenção daquela quinta no projecto SAAL em tempos elaborado e a necessidade de os moradores se pronunciarem sobre o novo projecto serviram de motivo para trocas de pontos de vista entre a Assembleia, a Câmara e o público interveniente.

COMENTARIO

Das três questões mais importantes tratadas nesta AM, o projecto para a Quinta da Marinha teria necessariamente de dominar as atenções. E, sobre esta questão, e pesem quaisquer críticas que se possam fazer à estratégia que a Câmara tem adoptado, é inegável que a sua actividade no sentido da resolução do problema-habitação tem obtido resultados que há uns anos atrás ninguém esperaria. As construções que agora se desenvolvem em Anta (cerca de 500 fogos) e as perspectivas que agora se abrem para mais de uma centena são os exemplos mais esclarecedores.

Parece entretanto extrair-se desta sessão que a Câmara não contaria com a antecipação da Solverde na compra do terreno e que a proposta final da Solverde terá vindo ao encontro do desejo que a Câmara não terá deixado de fazer sentir para que lhe fosse assegurada a utilização dum terreno, por que já vinha lutando há bastante tempo.

Esperamos, entretanto, que o desejável aceleração do processo de construção não impeça que seja criteriosamente o tipo de habitações que melhor possa servir as necessidades da população mais carecida dum habitação condigna. O que explicará que de algum modo ela venha a ser consultada.

De Semana a Semana

continuação da página 1

coordenação de esforços, que tanta falta tem feito noutras circunstâncias.

Quando tanto se fala em institucionalização da democracia e, afinal, se exigem actuações (havendo quem se apresse a obedecer cegamente) que ignorem na prática as regras mínimas dessa democracia, ajudando assim a definir sectores intocáveis na vida nacional, o cidadão poderá até ter razões para sentir um estremecimento frio e antigo.

Quando a televisão afirma num comunicado «lamentar profundamente que alguns dos trabalhadores da RTP não sintam a pesada responsabilidade que lhes advém do desempenho dos serviços públicos de televisão», a primeira ideia que nos ocorre seria a de de-sejar entender esta afirmação como uma autocrítica, ainda que tardia, face à incompetência que reina na RTP, mas sabemos bem que não passa de mais uma hipócrita tomada de posição para justificar a eliminação, sem inquérito, de um programa de divulgação cultural e continuar a invadir as nossas casas com propaganda de livros e indivíduos descaradamente facistas.

Quando constatamos diariamente as vergonhosas calúnias às Forças Armadas, e a alguns dos seus membros mais destacados, as constantes afrontas à Lei Fundamental da República, os múltiplos ataques às conquistas da democracia que construímos, lamentamos não assistir a um amplo e imediato movimento de repúdio por estas atitudes e não verificar a mesma urgência em tomar medidas.

Quando assistimos a tudo isto sentimos, por um lado, como estamos longe do contexto político e social que deu origem à peça, e é isso que nos permite expressar livremente neste local esta posição, mas, por outro lado, apercebemo-nos claramente da influência que 50 anos de fascismo ainda exercem sobre a nossa mentalidade e dos perigos de regressarmos a um contexto político e social que torne a peça de novo tragicamente actual entre nós.

S. Paio de Oleiros

continuação da página 3

vocar a gente necessária para a acção violenta que então se desencadeou.

A residência paroquial começou por ser assaltada e os vidros partidos à enxada. Cerca de uma dezena de energúmenos chegaram a entrar na residência e agrediram o padre Coelho. Entretanto, a G.N.R. havia sido chamada por um operário e valeu a intervenção da corporação de S. João da Madeira e de Lourosa (a de Lamas ficou a «ver») para remover os assaltantes e dispersar as centenas de pessoas que então se haviam aglomerado.

Foi possível então à Comissão da Festa entrar na residência paroquial e entrar em negociações.

A noite chegou, com a tensão a manter-se, mas a violência não regressou, ficando durante toda a noite muitos populares a fazerem vigilância à residência.

MARÉ-RUA

continuação da página 5

Era inevitável ouvir-se um sócio da Nascente. Assim aconteceu com Jorge Figueiredo, topógrafo:

«Costumo comprar livros, mas cada vez é mais difícil. Os preços são incomportáveis, principalmente dos livros técnicos de que tenho necessidade. Resta-me recorrer a bibliotecas no Porto, porque a que aqui há não está apetrechada convenientemente».

«Parece-me por isso extremamente útil que se faça, por meio dum centro livreiro, a divulgação dos bons livros e que se facilite a sua aquisição».

«Seria até interessante que se fizesse semanalmente a promoção de um livro, com desconto especial».

E aqui fica esta última sugestão que será, com certeza, considerada pelos amigos que ultimam os preparativos para o arranque do centro livreiro.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO



FABRICA DA BRASILEIRA
Ramiro de Sá Couto, L. da

Caixas de Cartão Canelado
Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

Pintura de Automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

DESPORTO

Delegado da D. G. D. em Espinho

Pela segunda vez o delegado de Aveiro da Direcção-Geral dos Desportos, eng.º Jorge Severino, deslocou-se à Câmara Municipal desta cidade, mais concretamente, no passado dia 14 do corrente, encontrando-se com o vereador do pelouro desportivo António Alberto Alves, e representantes do S. C. Espinho e da Associação Académica. Visita informal, apenas com o objectivo de se inteirar dos problemas que afectam os clubes e de entregar subsídios para a beneficiação de balneários ao S. C. E. e ao Clube Académico de Espinho, que não se fez representar.

No decorrer da conversa os clubes apresentaram as suas carências, nomeadamente no que se refere ao problema das deslocações. Neste caso o Sporting de Espinho, teve este ano nas actividades amadoras grandes despesas nos transportes (cerca de 100 contos) e nas estadias (cerca de 60 contos). Estes problemas e a falta de condições impedem que os clubes possam abrir as portas

a mais praticantes.

Outro dos problemas focados foi o do Centro de Medicina Desportiva, ao que parece agora entregue à competência da Direcção Geral do Apoio Médico.

O delegado da D. G. D. anunciou ainda que irão levar a cabo uma movimentação das piscinas existentes no distrito, perto de dezasseis, estando Espinho incluído nesta tentativa de divulgar a natação.

A falta de planeamento e o facto da D. G. D. acumular funções coordenadoras e executivas serão os dois maiores entraves para que o trabalho possa produzir o mínimo exigível.

Finalmente, e mais uma vez, voltou à baila o caso da divisão administrativa e desportiva, da ligação ao Porto ou a Aveiro, reforçando-se de novo a ideia que Espinho está na prática integrado na zona do Porto, somente as resoluções superiores tardam para resolver uma situação deveras equívoca.

HÓQUEI EM PATINS

Festa dos Campeões

Na passada quarta-feira, 13 do corrente, a Associação Académica de Espinho, realizou uma festa de homenagem aos seus jovens hoquistas que nas categorias de infantis e iniciados conquistaram o título de campeões regionais, de forma meritória, evidenciando uma superioridade indiscutível. As equipas a cargo, respectivamente, de Manuel José Azevedo e Marçal Duarte, receberam as faixas de campeões das mãos das jovens ginastas também homenageados nessa noite pelos títulos conquistados sob orientação da professora Alda Corte-Real.

Os infantis defrontaram uma selecção do Norte, da mesma categoria, que derrotou expressivamente por 5-2, exibindo-se em alto nível, originando bons momentos de hóquei e demonstrando que grandes promessas se poderão revelar num futuro mais ou menos próximo. Os iniciados sofreram uma derrota (2-3) perante a selecção nortenha da categoria, ainda que na primeira parte os espinhenses tivessem alinhado com os seus elementos suplentes. Mesmo assim, contra o que se esperava, a entrada dos atletas que formaram no decorrer do ano a equipa que conquistou o título não estavam em noite de acerto, desenvolvendo um hóquei decerto modo frouxo, em relação ao que nos tem habituado.

No início desta festa, a que assistiu elevado número de pessoas, realizou-se um encontro de futebol de salão entre os pais dos homenageados, provocando a hilaridade geral na assistência. Na realidade os garbosos atletas evidenciaram pirâmides e catástrofes recursos, praticando um futebol verdadeiramente sobrena-

tural. Ao que parece muitos deles terão já sido assediados por clubes da I Divisão e o nosso conhecido farmacêutico (David Carvalho) terá recebido uma astronómica proposta do Cosmos, clube norte-americano.

Comissão Conjunta de Angariação de Fundos S. C. E. / A. A. E.

PROGRAMA DE VERÃO

Realizações no
SALÃO NOBRE DO CASINO
DE ESPINHO

JULHO

Dia 22 — às 22 horas
1.º TOMBOLA DANÇANTE 1977
Dia 29 — às 22 horas
2.º TOMBOLA DANÇANTE 1977

AGOSTO

Dia 20 — às 22 horas
CONCURSO DE FATO DE BANHO 1900
Dia 27 — às 22 horas
CONCURSO DO VESTIDO DE CHITA

SETEMBRO

Em datas a designar:
FESTIVAL DE INTERPRETES
Em Estudo:
1.º CONCURSO DO VESTIDO DE CHITA INFANTIL



Depois do sarau de Ginástica do Sporting de Espinho, foi a vez da Académica realizar idêntico festival, como mostra dum ano de trabalho. Mais concretamente o 19.º ano consecutivo de actividades da Secção de Ginástica, fundada em 1958 por António Gaio e eng.º João Justiniano. Dezanove anos com altas e baixas com inúmeras dificuldades, levando a cabo, no entanto, um trabalho que não podemos deixar de sublinhar. Este ano as dificuldades acentuaram-se, nomeadamente, no que se refere a instalações, mas o trabalho não estagnou. As classes (169 atletas) a cargo de Margarida Celeste, Alda Corte-Real, Rosa Maria Cleto, Armando Rosas, Cabral e Silva, ainda coadjuvadas por dois atletas, Cristina Marques e Manuel Couto funcionaram com resultados bastante positivos. Ainda que a classe desportiva masculina não participasse em nenhuma prova, preparando-se para a Taça de Portugal, a realizar possivelmente em Aveiro, a desportiva feminina entrou em 8 provas, conquistando meritórias posições, sendo de salientar os títulos de campeões regionais por equipas e vice-campeões nacionais, na categoria de iniciados, e o título de campeã regional de juvenis (3.ª categoria) conquistado por Paula Fidalgo, como já fizemos referência em número anterior.

Mas desta secção de Ginástica, poderá falar-nos mais pormenorizadamente um dos seus responsáveis, Alberto Lopes.

«Actualmente a secção mantém-se em actividade com muitos sacrifícios e deve-se a sua sobrevivência ao trabalho incansável de Filomena Pamplona e Otilia Rocha da Silva, que tratam praticamente de tudo. Arrancou-se tarde por falta de instalações, o pavilhão encontra-se superlotado só o hóquei-em-patins ocupa-o durante 20 horas semanais. Com este atraso muitas miúdas desistiram e foram para o S. C. E., já que o pavilhão do Colégio de N.ª S.ª de Conceição não tinha tantas condições. Depois, no Inverno, ficou inundado e tivemos que nos mudar, de andar de casa às costas, como o caracol, indo para o Salão da Piscina. Os professores sacrificaram-se muito, fizeram autênticos milagres, vencendo as dificuldades, não desanimando. Assim, no Sarau, não nos sentimos envergonhados pelo trabalho desenvolvido. Queremos realçar, contudo, a actividade desenvolvida pela professora Alda Corte-Real, uma autêntica dedicação em prol da Ginástica.

AS NOSSAS ENTREVISTAS

Das dificuldades
aos resultados obtidos

— ouvindo ALBERTO LOPES

A diminuição de praticantes notou-se mais nas classes educativas, sentindo-se uma baixa de mais de 50%. Em 1976 tínhamos 120 rapazes e raparigas, este ano tivemos 41 atletas. As outras classes mantiveram-se, e como se sabe, a classe desportiva obteve resultados brilhantes, sendo as nossas ginastas das melhores do Norte. A Alda Corte-Real, ao que sabemos, foi assediada por dois clubes (Sport Clube do Porto e F. C. do Porto), esperemos que se mantenha, no entanto, pois a sua saída significaria o destruir de tudo feito até agora. É nossa intenção criar os nossos próprios quadros, tendo-se mandado três indivíduos (Armando Rosas, Cabral e Silva e Rosa Cleto) frequentar um curso da Federação para treinadores de ginástica desportiva de quartas categoriais. Formaram-se também três juizes de ginástica desportiva e cinco juizes de mini-trampe. Em Junho os mesmos indivíduos estiveram num curso com um professor romeno, promovido pela Federação.

As dificuldades não podem contudo obstruir a actividade desta Secção da A. A. E., prevendo-se novas medidas para os próximos anos.

«Na verdade com as obras do pavilhão vamos ter umas condições mínimas para o trabalho. Vamos tentar ocupar o pavilhão nas chamadas «horas mortas», nomeadamente de manhã e ao princípio da tarde. Também iremos tentar um melhor aproveitamento da sede, para funcionar as classes de senhoras (com 100\$00/mês, constituem o estelo da secção), a classe rítmica e a mista. No que respeita às classes educativas, a pagarem 30\$00/mês (estando as desportivas com 50\$00/mês), pensamos conseguir desobrigar os miúdos do pagamento da quotização. A direcção do Clube deu luz verde e estamos a fazer um estudo económico nesse sentido. Contudo temos tido grandes dificuldades económicas. As quotizações não chegam para as despesas, principalmente as que dizem respeito às deslocações, ainda que os pais e a professora Alda tenham colaborado com os seus carros. Foi por falta de verbas que não participamos no Campeonato Nacional de Juvenis (2.ª categoria). No que se refere a material temos também sérias dificuldades. Pedimos um subsídio à Câmara, pedimos material à D. G. D. e a Federação prometeu-nos uma trave olímpica, mas continuamos à espera. Com o reduzido material que temos não podemos descentralizar a ginástica do pavilhão».



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (tabuleo diário)

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Isto de uma pessoa se meter hoje em dia com certas instituições é, pelos vistos, perigoso. Por detrás da mais óbvia e inocente crítica de mesa de café, logo as notas officiosas ou declarações solenemente irritadas descobrem diabólicos intentos, propósitos maquiavélicos, manobras partidárias, «complots» nacionais e internacionais de arripelar o gelo de um morto.

Hoje, aqui, fala-se do Parlamento. Do antigo, dos tempos dos monarcas, dos tempos de Salazar e C.ª. Falar da Assembleia da República que quisemos escolher nos nossos dias, em democracia e por voto universal, seria outra coisa bem diferente; não será de confundir esta com o reino palavroso, vazio e fútil que foram muitas das sessões de outrora.

Não obstante, quando assistimos, com alguma frequência, ao arrastar moroso da nossa Assembleia, aos projectos que se vão amontoando e ganham pó, em contraste com outros bem importantes que tão rapidamente são votados e publicados em catadupas, quando assistimos às conversas de corredor, aos encontros e desencontros dos Passos Perdidos, aos amuos, zangas e vinganças, à distância que vai dos eleitores a alguns eleitos, às declarações inflamadas, aos trocadilhos, quem condenará a lembrança, embora ténue e parcelar, de um Conde d'Abranhos, seus pares e suas combinações?

O passado não morre só pelas palavras ou só por ser passado. Morre definitivamente apenas quando a prática do presente é uma alternativa capaz de o fazer esquecer e renegar. A Assembleia de hoje é diferente, sem dúvida; e tanto mais diferente será quanto mais por isso fizerem os deputados que lá colocamos.

ABRANHOS, O DEPUTADO

Durante décadas a fio, foi o Parlamento o reino das palavras. Das Palavras. O reino da retórica, do artifício, da metáfora, da guerra verbal cuidadosamente modelada, do discurso envolto em rendas tão distantes da terra-suja e fria.

De deputados, pouco tinham muitos desses senhores. Chegar ao Parlamento não era atingir a tribuna que daria voz a quem votara e permanecia cá por baixo, oculto, desconhecido, voto. Não eram as horas sonolentas ou os inflamados minutos momento de progresso e transformação. Eram, sim, o repouso, a conversação, a verve, a presunção e o narcisismo de quem tinha as palavras. De quem tinha os livros. O dinheiro, o tempo. O poder.

«O Conde d'Abranhos», nome de um curiosíssimo parlamentar do século passado que a insuperável pena de Eça de Queiroz nos ofereceu, é bom exemplo de muitas coisas. Era assim que Alípio Abranhos se preparava para a função:

«Contudo, Alípio conservava na Câmara um silêncio discreto. Eu poderia dizer, parafraseando um dito histórico, que não estava embatucado, mas sim concentrado. No entanto, preparava-se: ia-se penetrando dos hábitos parlamentares, estudava o regulamento, o mecanismo legislativo, os tricas; por assim dizer, aguçava devagar e com prudência as finas lâminas do espírito loquaz. Formava então a sua biblioteca de homem de Estado: munira-se dos discursos de Mirabeau, de Berryer, de Lamartine, de Guizot; adquiriu o útil dicionário de conversação; estudou aturadamente as instituições da Bélgica; mas, sobretudo, frequentava, estudava os velhos parlamentares, os venerandos práticos da política constitucional.

Como Aquiles recolhido na sua tenda, Alípio Abranhos forjava as suas armas para a batalha».

Era assim, então. Mas as batalhas não seriam talvez muito renhidas a não ser nas palavras. É isso que poderá depreender-se da pequena passagem que se segue. Abranhos abandonara o grupo parlamentar dos Reformadores para se juntar aos Nacionais. «Indecente traição», comentava-se. Mas seria isso? Vejamos: «(...) Havia entre os Reformadores e os Nacionais ideais opostos? Abandonava Alípio Abranhos ideias queridas, para ir, por interesses grosseiros, defender ideias detestadas? Não.

As ideias que servia entre os Reformadores, ia servi-las entre os Nacionais.

Em Religião, que eram os Reformadores? Católicos, Apostólicos, Romanos. E os Nacionais? Idem.

Em política, o que eram os Reformadores? Conservadores Constitucionais. E os Nacionais? Idem.

Não tinham ambos o mesmo amor pela dinastia? — O mesmo. Não eram ambos sustentáculos dedicados da propriedade? — Dedicadíssimos.

Não desejavam ambos a estrita aplicação da Constituição, só da Constituição, de toda a Constituição? — Desejavam-na ambos, ardentemente.

Não eram ambos centralizados? — Eram.

Não estavam ambos firmes na manutenção de um exército permanente? Firmíssimos, ambos.

Não tinham ambos um nobre rancor aos princípios revolucionários? Um rancor nobilíssimo.

E em questões de Instrução, de Imprensa, de Polícia, não tinham ambos as mesmas óptimas ideias? Absolutamente as mesmas.

QUEM SE LEMBRA?

Também nos tempos de Salazar e Caetano havia uma Assembleia Nacional. Não se sabe bem para quê, mas havia. Nos últimos tempos, com a «ala liberal», houve por vezes alguns momentos de interessante diálogo, de onde sobressaíam esses tremendos deputados como eram Casal Ribeiro, Henrique Tenreiro, Reboredo e Silva...

Aqui vai um bocadinho saboroso, para lembrar como era.

Estava Miller Guerra no uso da palavra, a propósito dos inci-

dentes na Capela do Rato. «O sr. Casal Ribeiro: — Dá-me licença que lhe faça uma pergunta?»

O orador: — Com certeza; não estou aqui para outra coisa.

O sr. Casal Ribeiro — Muito obrigado, senhor Deputado. Eu queria fazer uma pergunta, dentro daquela liberdade de diálogo que V. Ex.ª defende e que acho que se deve fazer na Igreja. Eu não estou na Igreja, estou na Assembleia Nacional, e faço-a: V. Ex.ª concorda que se discuta a presença de Portugal no Ultramar? V. Ex.ª concorda...

O orador: — Só uma pergunta de cada vez, sr. Casal Ribeiro, senão fico atrapalhado.

O sr. Casal Ribeiro: — V. Ex.ª nunca se atrapalha...

O orador: — Atrapalho, atrapalho...

O sr. Casal Ribeiro — Por amor de Deus, não diga isso!

O orador: — É de que maneira me atrapalho às vezes...

O sr. Casal Ribeiro: — A prova de que V. Ex.ª não se atrapalha é que está a dizer o que se está a ouvir.

O orador: — Bom! Isso é outro aspecto da questão, sr. Deputado Casal Ribeiro. Ora bem, eu respondo à primeira pergunta: V. Ex.ª desculpe eu já me esqueci...

O sr. Casal Ribeiro: — V. Ex.ª não liga importância nenhuma às coisas que nós lhe dizemos, eu principalmente.

O orador: — Pelo contrário. Então ao sr. Casal Ribeiro eu ligo imensa importância.

O sr. Casal Ribeiro: — Eu estava a perguntar a V. Ex.ª se acha bem e se concorda que na Igreja, ou em qualquer outro sítio, se discutisse ou se discuta a legitimidade da presença de Portugal no Ultramar.

O orador: — Ora aí está uma pergunta objectiva e concreta e a que eu respondo também objectiva e concretamente. Acho, sim senhor. Não só na Igreja como em qualquer outra parte.

O sr. Casal Ribeiro: — Que se deve discutir a presença de Portugal no Ultramar?

O orador: — Sim, senhor!

O sr. Casal Ribeiro: — Então não preciso de mais nenhuma resposta de V. Ex.ª. Está realmente politicamente definido para mim, e de uma maneira para sempre.

O orador: — Ainda bem, sr. Casal Ribeiro!

O sr. Henrique Tenreiro: — Bem definido!

O sr. Cunha Araújo: — Tristemente definido!

O orador: — Ainda bem, sr. comandante.

O sr. Henrique Tenreiro: — Comandante, não, Almirante».

(do Diário das Sessões n.º 214)

Na 1.ª República

Entre 1910 e 1926, Portugal viveu um tempo muito particular, profundamente rico, mesmo nas contradições que as ideias novas tantas vezes provocavam em republicanos inflamados e generosos. Nesse tempo também havia Parlamento, muito vivo por sinal. Aí, «os partidos agatanhavam-se (...), com palavras onde cresciam unhas e garras», diz José Gomes Ferreira. Ainda deste poeta, vejamos um pequeno extracto onde de algum modo se sugere o que então seria, por vezes, a Assembleia:

«Discursava um tal João Camoesas com gosto de se sentir crescer com a voz. E certa vez até, no Parlamento, por conveniência do seu partido, palrou durante nove horas seguidas («boa bexiga!» — comentou o Brito Camacho), o que o coroou de celebridade passageira nas «revistas do ano» e nos jornais da oposição.

— De que falou você? — perguntei-lhe, dias depois.

— Ora! De tudo. Da imortalidade da alma, da cultura da batata, das colheitas, de marcas de cachimbos e, principalmente, da doutrina que ando a engendrar para substituir o marxismo.

Esta mania — dizem-me — não o largou até à hora da morte, numa cidade qualquer dos EUA, para onde emigrou, no advento da ditadura salazarista, que ele, aliás, combateu como pôde e soube».

(em «Vida Mundial» de 10-7-1975)

Não eram ambos patriotas? Fanaticamente!

Então? — Pode-se dizer que Alípio Abranhos, indo dos Reformados para os Nacionais, traía as suas ideias? Não! Certamente não!»

Isto contava Eça. Muita coisa mudou, desde então.



PORTE
PAGO

Ilídio Martins da Silva
R: 33 -Bº Moderno-Espinho